

Jorge Arbache e José Nelson Bessa Maia

O FUTURO DA CHINA

E AS OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

O título do oportuno trabalho que vem de ser apresentado por Jorge Arbache e Nelson Bessa coloca em evidência com clareza o grande desafio do Brasil em suas relações com a China: definir uma estratégia de longo prazo para tirar partido das oportunidades que se nos abrem à luz do papel que a China está a desempenhar no mundo de hoje.

O trabalho explicita com precisão as janelas de oportunidade que poderão ser aproveitadas pelo Brasil, desde que façamos o nosso dever de casa. E o trabalho de Arbache e Bessa aponta com acuidade os caminhos a serem percorridos.



Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

Presidente do Conselho
Empresarial Brasil-China

Autores:



Jorge Arbache

Professor de economia da
Universidade de Brasília



José Nelson Bessa Maia

Mestre em economia e doutor
em relações internacionais
pela Universidade de Brasília

Agradecemos a Renato Baumann e a Tatiana Rosito pelos comentários a uma versão preliminar deste texto. Agradecemos, ainda, a valiosa assistência de pesquisa de Joao Pedro Arbache (Tsinghua University e Universidade de Brasília). As opiniões aqui expressas são as de seus autores e não necessariamente refletem as das instituições às quais estão afiliados.

Os autores prepararam
este estudo para o CEBC
em caráter pro bono.

Jorge Arbache e José Nelson Bessa Maia

O FUTURO DA
CHINA
E AS OPORTUNIDADES
PARA O BRASIL

Setembro, 2019





Fundado em 2004, o Conselho Empresarial Brasil-China é uma instituição bilateral sem fins lucrativos formada por duas seções independentes, uma no Brasil e outra na China, e dedicada à promoção do diálogo entre empresas dos dois países.

O CEBC concentra sua atuação nos temas estruturais do relacionamento bilateral sino-brasileiro, com o objetivo de aperfeiçoar o ambiente de comércio e investimento entre os países.

As seções do CEBC têm autonomia completa e pautam sua atuação de acordo com os interesses de seus associados, mantendo intensa cooperação para o fomento do comércio e de investimentos mútuos. A seção chinesa, sediada em Pequim, tem suas atividades coordenadas e supervisionadas pelo Ministério do Comércio da China (MOFCOM) e integra a estrutura do Conselho para Promoção de Investimento Internacional da China (CCIIP).

O CEBC foi, em 2015, reconhecido oficialmente, no Plano de Ação Conjunta assinado entre o Brasil e a China, como o principal interlocutor dos governos na promoção das relações empresariais entre os dois países. Em 2019, no âmbito da Quinta Reunião Plenária da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível (COSBAN), presidida pelos vice-presidentes do Brasil e da China, as partes reconheceram novamente o papel relevante desempenhado pelo Conselho como canal de comunicação com a comunidade empresarial.

Seção Brasileira do CEBC

PRESIDENTE

Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

PRESIDENTE EMÉRITO

Embaixador Sergio Amaral

VICE-PRESIDENTES

José Leandro Borges

Diretor do Bradesco

Marcio Senne de Moraes

Diretor de Relações Externas da Vale

Bruno Ferla

Vice-presidente Institucional, Jurídico e de Compliance da BRF

DIRETORES

André Clark

Presidente e CEO da Siemens no Brasil

Luiz Felipe Trevisan

Diretor Corporate & Investment Banking do Itaú BBA

Nelson Salgado

Vice-presidente de Relações Institucionais e Sustentabilidade da Embraer

Pedro Aguiar de Freitas

Sócio do Veirano Advogados

Reinaldo Ma

Sócio da TozziniFreire Advogados

Roberto Amadeu Milani

Vice-Presidente da Comexport

DIRETORA DE ECONOMIA

Fabiana D'Atri

Economista coordenadora do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco

COMITÊ CONSULTIVO

Embaixador Marcos Caramuru de Paiva

Embaixador Paulo Estivallet

Embaixador Sergio Amaral

Ivan Ramalho

Luiz Fernando Furlan

Marcos Jank

Octávio de Barros

Renato Baumann

Tatiana Rosito

SECRETARIA EXECUTIVA

Secretário Executivo

Roberto Fendt

roberto.fendt@cebc.org.br

Coordenador de Análise e Pesquisa

Tulio Cariello

tulio.cariello@cebc.org.br

Analista de Eventos

Denise Dewing

denise.dewing@cebc.org.br

Administração

Jordana Gonçalves

jordana.goncalves@cebc.org.br

Estagiária

Juliana Nadalutti

juliana.nadalutti@cebc.org.br

© 2019 Conselho Empresarial Brasil-China.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão por escrito do CEBC.

Para mais informações:

CEBC - Seção Brasileira

Rua Araújo Porto Alegre, nº 36 / sala 1202

Rio de Janeiro - RJ | CEP 20030.902

Tel.: +55 21 3212-4350

cebc@cebc.org.br

www.cebc.org.br

Projeto gráfico: Presto Design

Foto original capa: David Dennis/ Flickr

Arbache, Jorge e Maia, José Nelson Bessa.

O futuro da China e as oportunidades para o Brasil

Rio de Janeiro: Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) - Setembro, 2019.

1. Investimentos; 2. China; 3. Brasil;
4. Análise; 5. Perspectiva global.

Sumário

8

1.
Introdução

14

2.
Evolução recente da
economia chinesa

22

3.
Como o Brasil
poderá se beneficiar
do crescimento
econômico chinês?

38

4.
Comentários finais

1. Introdução

O alto e continuado crescimento econômico da China nos últimos 40 anos não apenas colocou o país na posição de segunda maior economia no mundo, mas, também, reduziu substancialmente a pobreza, gerou uma enorme classe média afluyente e vibrante e tornou o seu sistema produtivo e logístico um exemplo para países emergentes e até em desenvolvimento.¹

Esse progresso foi acompanhado pela rápida urbanização, que requereu um esforço sem precedentes de mobilização de recursos para oferecer habitação, utilidades públicas e infraestruturas. Se, num primeiro momento, a China reduziu substancialmente o analfabetismo e retirou centenas de milhões de pessoas da pobreza num período relativamente curto de tempo, o que foi visto como um dos mais extraordinários eventos econômicos, num segundo momento a expectativa de vida passou a crescer rapidamente.

Nas últimas décadas, a China respondeu por expressiva parcela do crescimento econômico mundial, passando de 15,9% do total, entre 1979 e 2012, para 28,1%, entre 2013 e 2018.² Muitas das empresas chinesas já atingiram a condição de estar entre as maiores do globo e, em alguns casos, até de liderança, incluindo em áreas como a manufatura, tecnologia, finanças e logística. Na lista Fortune's Global 500 de 2019, 119 empresas eram chinesas, com faturamento combinado de US\$ 8,2 trilhões.

Há amplo reconhecimento de que o centro de gravidade da economia mundial está se movendo para a Ásia e, em particular, para a China.³ Esta é uma tendência que parece cada vez mais inevitável e que terá grandes implicações para todo o mundo. Banco Mundial, PWC, McKinsey

1. Cf. Sonali Jain-Chandra, Niny Khor, Rui Mano, Johanna Schauer, Philippe Wingender and Juzhong Zhuang. Inequality in China – Trends, Drivers and Policy Remedies. IMF Working Paper 18/127, June 2018.

2. Cf. China rises to top engine of global economic growth in 70 years. Xinhuanet, 29.08.2019, disponível em: < http://www.xinhuanet.com/english/2019-08/29/c_138348922.htm>, acesso em 30 Agosto 2019.

3. Cf. McKinsey Global Institute, Asia's Future is Now, 2019.

Há amplo reconhecimento de que o centro de gravidade da economia mundial está se movendo para a Ásia e, em particular, para a China.



e outros já projetam que a China será a maior economia global nos próximos 10 a 15 anos.

Superados os tempos de transformação econômica, rápido crescimento e redução da pobreza, a China se defronta, agora, com uma nova etapa da sua jornada de desenvolvimento. Mas, para seguir crescendo e incluindo, a China terá que passar por novas reformas de grande porte, que requererão outro enorme esforço de mobilização de recursos, novas fontes de financiamento e maior integração à economia global.⁴

Na verdade, a China já está ingressando nesta nova etapa, ancorada num conjunto de reformas que visa reduzir sua dependência das exportações e dos investimentos em infraestrutura e expandir sua demanda interna e promover um novo padrão de crescimento social e ambientalmente mais sustentável. Nessa nova etapa, a China buscará crescer de forma qualitativa mais do que quantitativa. Busca-se, como objetivo maior, levar a economia e o bem-estar do seu povo para padrões de países avançados.

Ao menos duas características marcarão essa nova etapa. Uma, será o aumento do consumo; a outra, a crescente integração à economia global por meio de canais mais sofisticados de comércio, investimentos, capitais, talentos e inovação. E também vai requerer novas capacidades das empresas, das universidades e dos governos e muito maior sofisticação dos mercados, instituições e capital humano. Nas próximas décadas, a China passará da condição de um importante *player* para a condição de fator determinante daquelas variáveis.⁵

4. Cf. McKinsey Global Institute, China and the world – Inside the dynamics of a changing relationship, 2019.

5. Cf. Guilhoto, J., et al. (2019), "Exploring changes in world production and trade: Insights from the 2018 update of OECD's ICIO/TIVA database", OECD Science, Technology and Industry Working Papers, No. 2019/04, OECD Publishing, Paris.

Se, até recentemente, a economia chinesa era caracterizada por ser a “fábrica do mundo”, cada vez mais ela se caracteriza pela crescente diversificação, prestação de serviços de alto valor agregado, *e-commerce* e tantos outros serviços que contribuem de forma crescente para a formação de valor. De fato, enquanto a manufatura encolheu a sua participação, o setor de serviços cresceu e já se tornou o setor dominante no PIB.⁶

A China está desenvolvendo políticas para ampliar a sua participação em cadeias regionais de produção, o que criará novas oportunidades econômicas para países da Ásia Central e do sudeste asiático. A Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) se insere nesse contexto, preparando redes de suprimentos e de logística para viabilizar a expansão desse novo modelo de desenvolvimento.⁷

Os impactos dessa transformação econômica já começam a emergir. Entre 2007 e 2017, a produção de bens industrializados quase triplicou. Mas, ao mesmo tempo, a parcela de exportações em relação ao PIB caiu à metade, o que indica que o mercado interno já passou a ad-

A China está atrás somente dos Estados Unidos em termos de investimentos em startups e é um dos líderes em origem e destino de *venture capital* em áreas como realidade virtual, veículos autônomos, robótica, inteligência artificial, drones, dentre outras.

quirir papel cada vez mais determinante no dinamismo econômico. Ao mesmo tempo, com os reconhecidos avanços do conhecimento e com a franca expansão do desenvolvimento científico e tecnológico em áreas críticas para a economia do século XXI, a China está dependendo menos de importações de insumos e tecnologias.⁸

Em 2019, a China já representava 19% do total de usuários de internet no mundo, era um dos países mais digitalizados, tinha o maior mercado de *e-commerce* e a maior parte dos usuários já usava sistemas de pagamentos digitais, fazendo do país o líder nesta que é uma das mais relevantes tecnologias digitais.

A China está atrás somente dos Estados Unidos em termos de investimentos em *startups* e é um dos líderes em origem e destino de *venture capital* em áreas como realidade virtual, veículos autônomos, robótica, intelligen-

6. Embora o setor de serviços da China seja ainda bem menor do que nos Estados Unidos, com apenas 54%, contra 77% deste último, o setor cresce a passos largos e tem amplo espaço para se tornar a mola propulsora da geração de riqueza.

7. O BRI pretende conectar por terra e por mar pelo menos 60 países e mais da metade da população global, envolvendo a Ásia, Europa e África.

8. Cf. National Science Foundation, Science and Engineering Indicators 2018, Virginia, US.

cia artificial, drones, dentre outras. Além de já sediar muitos dos unicórnios, a China está atraindo cada vez mais jovens talentos de todo o mundo interessados em inovação.

Mas a China se encontra não apenas na condição de gigantesca consumidora de serviços e plataformas digitais, mas, também, já é um dos mais importantes desenvolvedores, gestores e distribuidores de tecnologias digitais e plataformas. Essa condição coloca a China, juntamente com os Estados Unidos, numa posição de destaque.⁹

Com a maior população mundial e com a crescente afluência, observa-se, na China, a criação do maior mercado de consumo do mundo. Por isto, é razoável assumir que o enriquecimento do país é uma oportunidade econômica sem precedentes para terceiros países. De fato, depois de atendidas as necessidades básicas, a classe média chinesa já está buscando, e cada vez mais, bens e serviços de qualidade e em enormes volumes. Estima-se que o aumento do consumo responderá por ao menos 31% do crescimento do consumo em nível global ao longo da próxima década. Os transbordamentos desse crescimento afetarão não apenas os vizinhos na Eurásia, mas poderão alcançar outros países em todo mundo.

Pelos seus já fortes vínculos econômicos com a China, o Brasil não pode ficar alheio aos desdobramentos da trajetória de transformação por que passa o gigante asiático. País ge-

9. Cf. Jorge Arbache e Leandro Sousa. Sharing the benefits of the data economy for economic development. *Wirtschaftspolitische Blätter*, 3/2019, p.315-324.

Com a maior população mundial e com a crescente afluência, observa-se, na China, a criação do maior mercado de consumo do mundo.





Embora se reconheça a atual alta complementariedade das duas economias, em que o Brasil fornece basicamente *commodities* para a China e adquire bens e serviços de alto valor adicionado, há, também, que se reconhecer que esse comércio pode oferecer oportunidades.

ogracamente distante, é preciso reconhecer que o Brasil não está na linha de frente para se beneficiar mais diretamente por meio de cadeias regionais de valor. Há, então, que se identificar e explorar alternativas, que existem e são bastante promissoras.

Embora se reconheça a atual alta complementariedade das duas economias, em que o Brasil fornece basicamente *commodities* para a China e adquire bens e serviços de alto valor adicionado, há, também, que se reconhecer que esse comércio pode oferecer oportunidades, que incluem a industrialização das vantagens comparativas e agendas de serviços, tecnologias e inovação associadas àqueles setores. De outra forma, as *commodities* devem ser vistas como um ponto de partida, e não de chegada.

China e Brasil compartilham características importantes. Ambos são países populosos e com grandes territórios, são economias emergentes, têm grandes complexidades e ainda enfrentam desafios para eliminar a pobreza e romper com a armadilha da renda média.

Porém, o Brasil tem desafios que o distinguem da China, incluindo o baixo e altamente volátil crescimento econômico,¹⁰ a estagnada taxa de crescimento da produtividade,¹¹ a limitada competitividade, a modesta taxa de investimento, grandes deficiências de capital humano, poucos avanços científicos e tecnológicos e grandes necessidades na área de infraestruturas econômica e social.

10. Cf. Jorge Arbache e Sarquis J.B. Sarquis, Growth volatility and economic growth in Brazil, in The Oxford Handbook of the Brazilian Economy, Edmund Amann, Carlos Azzoni and Werner Baer (eds.), Oxford, Oxford University Press, 2018.

11. Cf. Jorge Arbache, Industry, Services and the Productivity Gap, in The Oxford Handbook of the Brazilian Economy, Edmund Amann, Carlos Azzoni and Werner Baer (eds.), Oxford, Oxford University Press, 2018.

Com a crise e estagnação dos anos recentes, que levou a uma queda acumulada do PIB *per capita* de quase 10% e a uma forte queda dos investimentos, está claro que o Brasil precisará recuperar o tempo perdido se quiser realizar o seu imenso potencial de crescimento e participar de forma ativa da economia do século XXI. Para além de fazer reformas econômicas nas áreas fiscal, administrativa, dentre outras, o Brasil terá que lançar mão de parcerias e de soluções novas e criativas para atacar os seus problemas novos e antigos. É neste contexto que a relação econômica com a China poderá ser proveitosa e frutífera.

Este documento discute como o Brasil poderá se beneficiar do crescimento chinês tendo em conta as mudanças econômicas e políticas recentes e as perspectivas futuras.¹²

Além desta introdução, o texto está organizado como segue: a seção 2 apresenta a evolução recente da economia chinesa. A seção 3 discute como o Brasil poderá se beneficiar do crescimento econômico chinês. A seção está dividida em duas partes. A primeira faz um breve relato da relação econômica recente entre Brasil e China. A segunda parte discute, de forma pragmática e seletiva, e com foco em negócios, áreas que poderiam mais imediatamente se beneficiar do crescimento da China, com vistas a otimizar oportunidades e potencializar benefícios. A quarta seção faz comentários finais.

Para além de fazer reformas econômicas nas áreas fiscal, administrativa, dentre outras, o Brasil terá que lançar mão de parcerias e de soluções novas e criativas para atacar os seus problemas novos e antigos.

12. Para uma análise ampla e detalhada das relações econômicas entre o Brasil e a China e das oportunidades e riscos para o Brasil, ver Banco Mundial, *Implicações de uma China em transformação: oportunidades para o Brasil?*, Relatório Econômico 89450, 2014, Banco Mundial, Washington, DC. Para uma detalhada reflexão com visão estratégica das relações entre Brasil e China, ver Anna Jaguaribe e Tatiana Rosito, *Brasil-China: por uma parceria estratégica global sustentável para o século XXI*, Centro Brasileiro de Relações Internacionais, Rio de Janeiro, 2018; e Marcos Caramuru, Clarissa Lins e Guilherme Ferreira, *Brasil - China: o estado da relação, Belt and Road e lições para o futuro*, Centro Brasileiro de Relações Internacionais, Rio de Janeiro, 2019.

2. Evolução recente da economia chinesa

A China já é a segunda maior economia, com US\$ 13,4 trilhões a preços de mercado de 2018, o maior país exportador e o país que detém o maior estoque de reservas internacionais. A recessão externa deflagrada pela crise financeira global de 2008 interrompeu o crescimento de dois dígitos e revelou os limites da estratégia de crescimento baseada em exportações e em investimentos em infraestrutura. No entanto, a China ainda ostenta uma economia pujante e está entre as que mais crescem no mundo, tendo o seu PIB avançado 6,6% em 2018, mais de duas vezes a média mundial (ver Tabela 1).¹³

A demanda externa e o consumo doméstico robusto reforçam esse dinamismo, apesar da preocupação com riscos financeiros em meio à reestruturação econômica liderada pelo governo chinês. Novos setores da economia digital, como o comércio eletrônico, segurança cibernética e serviços financeiros *on-line* estão ganhando força em uma economia dominada por muitos setores industriais ainda voltados para a exportação. As tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China, no entanto, começam a afetar o crescimento e a expansão do PIB deverá diminuir ligeiramente em 2019 e 2020, para 6,2%, segundo projeta o FMI.

A elevada dívida pública chinesa é motivo de inquietação. Embora o número oficial para 2018 tenha sido de 50,1% do PIB, estimativas independentes sugerem que o número pode ser maior e espera-se que aumente nos próximos anos. Estima-se que a relação entre a dívida da China (pública e privada, inclusive das famílias) e o PIB esteja ao redor de 250%, algo que alguns analistas consideram como um risco ao crescimento sustentado do país.

13. Vale mencionar que, segundo o FMI, o PIB chinês expresso em dólares de poder de compra internacional (PPP) já teria superado o PIB dos Estados Unidos desde o ano de 2014.

O nível de crédito na China é alto para padrões internacionais, a dívida das empresas não-financeiras, inclusive empresas estatais, atingiu 129% do PIB e a dívida das famílias representa 50,3% do PIB em 2018. Embora esta taxa ainda seja relativamente baixa, ela aumentou em 15% do PIB nos últimos cinco anos.

TABELA 1. CHINA: DESEMPENHO ECONÔMICO, 2009-2021 - INDICADORES SELECIONADOS

Indicadores	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019*	2020*	2021*
Produto interno bruto a preços correntes (US\$ trilhões)	5,1	6,1	7,5	8,6	9,6	10,5	11,2	11,2	12,1	13,4	14,2	15,5	16,8
Taxa de Crescimento do PIB real (%)	9,2	10,6	9,5	7,9	7,8	7,3	6,9	6,7	6,8	6,6	6,3	6,1	6,0
Produto Interno Bruto per capita (US\$ milhares)	3,8	4,5	5,6	6,3	7,1	7,7	8,2	8,1	8,7	9,6	10,2	11,0	11,9
Taxa de Investimento (% do PIB)	46,3	47,9	48,0	47,2	47,3	46,8	44,7	44,1	44,6	44,2	43,0	42,3	41,8
Taxa de Poupança (% do PIB)	51,1	51,8	49,8	49,7	48,8	49,0	47,5	45,9	46,0	44,6	43,5	42,5	41,9
Inflação, preços ao consumidor (% no final do período)	1,9	4,6	4,1	2,5	2,5	1,5	1,6	2,1	1,8	1,9	2,2	2,5	2,8
Taxa de desemprego (%)	4,3	4,1	4,1	4,1	4,1	4,1	4,1	4,0	3,9	3,8	3,8	3,8	3,8
População (bilhões de pessoas)	1,3	1,3	1,3	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4
Saldo Fiscal Nominal do Governo Geral (% do PIB)	-1,7	-0,4	-0,1	-0,3	-0,8	-0,9	-2,8	-3,7	-3,9	-4,8	-6,1	-5,5	-5,4
Saldo Fiscal Primário do Governo Geral (%)	-1,3	0,1	0,4	0,2	-0,3	-0,4	-2,2	-2,9	-3,0	-3,8	-4,9	-4,3	-4,1
Dívida bruta do Governo Geral (% do PIB)	34,3	33,7	33,6	34,3	37,0	39,9	41,1	44,2	46,8	50,5	55,4	59,5	63,2
Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	4,8	3,9	1,8	2,5	1,5	2,2	2,7	1,8	1,4	0,4	0,4	0,3	0,1

Fonte: FMI (WEO julho 2019); Elaboração: CEBC / (*) previsão do FMI

Em 2018, o governo fez cortes de gastos orçamentários e o próprio presidente Xi Jinping tem afirmado que restringir os empréstimos a empresas estatais é “a prioridade das prioridades”. A disputa comercial entre a China e os Estados Unidos, assim como as políticas para reduzir a alavancagem e a atuação do sistema bancário paralelo (*shadow banking*), tornou mais difícil para as empresas obter financiamento, o que levou as autoridades a introduzir medidas de flexibilização monetária e estímulo aos bancos para oferecerem mais empréstimos, especialmente para as empresas menores.

Os formuladores de políticas deverão permitir aumento no déficit fiscal neste ano para 6,1% do PIB para compensar a desaceleração da economia.

Os formuladores de políticas deverão permitir aumento no déficit fiscal neste ano para 6,1% do PIB para compensar a desaceleração da economia. Em maio de 2017, pela primeira vez desde 1998, a agência Moody's rebaixou o *rating* de crédito soberano da China. Por outro lado, o

país detém grandes reservas de divisas estrangeiras (US\$ 3,16 trilhões), que podem servir como amortecedor de eventuais volatilidades, bem como um confortável superávit em conta corrente de cerca de US\$ 60 bilhões, que correspondia a 0,4% do PIB em 2018.

A China precisará, ainda, enfrentar desafios estruturais complexos, que incluem o envelhecimento da população e o encolhimento da força de trabalho.

O governo chinês enfrenta, todavia, importantes desafios econômicos, a saber: reduzir a alta taxa de poupança doméstica, de 44,6% do PIB, em 2018, e aumentar o ainda relativamente baixo nível de consumo doméstico; gerenciar com cautela o elevado ônus das dívidas das empresas, em especial das estatais, para manter a estabilidade financeira; controlar o endividamento extra-orçamentário dos governos subnacionais usado para financiar a infraestrutura; facilitar oportunidades de acesso ao mercado de trabalho, incluindo para migrantes rurais; amortecer o investimento especulativo no setor imobiliário sem desacelerar acentuadamente a economia; reduzir o excesso de capacidade instalada da indústria; e elevar as taxas de crescimento da produtividade por meio da alocação mais eficiente de capital e apoio estatal à inovação.¹⁴ A China precisará, ainda, enfrentar desafios estruturais complexos, que incluem o envelhecimento da população e o encolhimento da força de trabalho.¹⁵

As exportações chinesas atingiram a marca de US\$ 2,48 trilhões em 2018, um aumento de 9,9%, e as importações atingiram US\$ 2,13 trilhões, um acréscimo de 15,8%. O superávit comercial total da China no mesmo ano foi de US\$ 350 bilhões, uma queda de 16,2% em relação ao ano anterior.¹⁶



Foto: Sklej/ Pexels

14. Cf. China Economy Profile 2018, IndexMundi, disponível em: <https://www.indexmundi.com/china/economy_profile.html>, acesso em 18 agosto 2019.

15. Cf. China: Economic and Political Outline. Santander Trade Portal, Disponível em: <<https://en.portal.santandertrade.com/analyse-markets/china/economic-political-outline>>, acesso em 22 de agosto 2019.

16. Cf. General Administration of Customs People's Republic of China, Review of China's Foreign Trade in 2018, disponível em: <english.customs.gov.cn/Statics/6fe5d71e-9732-4345-8488-96f2ce1d9566.html>, acesso em 21 agosto de 2019.

É fato que, graças à entrada na Organização Mundial do Comércio e à sua notória competitividade nos últimos 20 anos, a China se tornou o maior exportador e ocupa o segundo lugar entre os maiores importadores do mundo. Apesar da sua estratégia de transição para uma economia mais voltada para o consumo interno, o país permanece bastante aberto ao comércio exterior, tal como denota a corrente de comércio de bens, que representou 34,4% do PIB em 2018.

Apesar dos avanços sociais, continua a existir uma grande lacuna entre o padrão de vida nas cidades e no campo, entre as zonas urbanas da costa e as partes do interior e oeste do país, bem como entre as classes médias urbanas e as que não conseguiram tirar o mesmo proveito do crescimento das últimas décadas.¹⁷ De todo modo, fato é que a pobreza diminuiu em grande parte da China e o desemprego permanece estável ao redor de 4%.¹⁸

A China experimentou substancial redução nos índices de pobreza como resultado das elevadas taxas de crescimento econômico. Estimativas do Banco Mundial confirmam esta tendência. Em 2018, a taxa oficial de pobreza foi de 0,7% da população rural usando a linha de pobreza internacional de US\$ 1,90 por dia (PPP 2011). O forte crescimento também resultou em prosperidade compartilhada. Conforme estimativas do Banco para o período 2013-2015, o crescimento médio do consumo dos 40% mais pobres da população foi 1,7 ponto percentual maior que o crescimento médio do consumo da população total. Em outras palavras, houve efeito *trickle-down*, dado que o crescimento trouxe significativo aumento de bem-estar medido pelos agregados familiares de todos os membros da sociedade e, em particular, dos que se encontravam no nível inferior da distribuição.

Além disso, após anos de aumento, há evidências de queda da desigualdade da renda. Dados oficiais indicam um declínio na desigualdade de renda medido pelo índice de Gini, que passou de 49,1, em 2008, para 46,2, em 2015. Em 2015, cerca de 95,5 milhões de pessoas viviam com menos de US\$ 3,2 por dia, que é a linha de pobreza internacional do Banco Mundial para

Apesar da sua estratégia de transição para uma economia mais voltada para o consumo interno, o país permanece bastante aberto ao comércio exterior, uma vez que a corrente de comércio de bens representou 34,4% do PIB em 2018.

17. As províncias do interior já começam a ter papel importante no consumo e na dinâmica econômica.

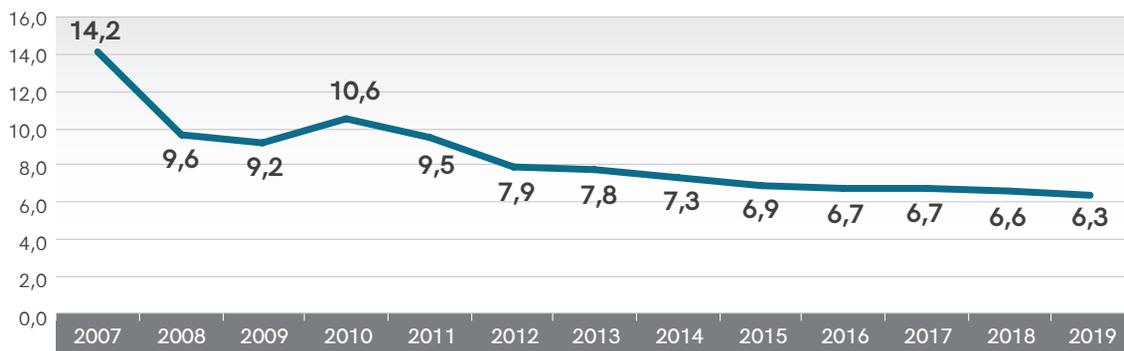
18. Cf. Press conference: Securing and improving people's livelihood. The State Council Information Office. The People's Republic of China, disponível em: <http://english.scio.gov.cn/2017-10/25/content_41797555.htm>, acesso em 21 de agosto 2019.

definir a baixa classe média.¹⁹ Tudo isto ajuda a compor o crescimento da enorme classe média consumidora chinesa.

Em que pesem os avanços já alcançados, a nova etapa do desenvolvimento da China requer mudanças institucionais que incluam reformas de segunda geração nos marcos regulatórios para permitir que os mercados funcionem melhor e que a gestão macroeconômica seja mais efetiva e transparente. Trata-se de implementar uma abrangente agenda de alterações nas normas e regras que orientam as políticas fiscal e monetária, o setor financeiro, as empresas públicas, as finanças subnacionais e o sistema nacional de estatísticas econômicas.²⁰

O crescimento econômico da China diminuiu desde a eclosão da crise financeira global de 2008. Enquanto as medidas de estímulo introduzidas no final daquele ano impulsionaram o crescimento de volta aos dois dígitos em 2010, a economia desacelerou nos anos seguintes (gráfico 1). Essa desaceleração fez com que muitos questionassem o ritmo e o potencial da China para o alto crescimento contínuo e alguns até vislumbrassem uma perspectiva de baixa para a economia chinesa em geral.²¹

GRÁFICO 1. CHINA: PIB REAL, 2007-2019 (VAR. ANUAL %)



Fonte: FMI; Elaboração: CEBC

O fato é que a desaceleração no crescimento da China gerou preocupações sobre as perspectivas futuras da economia. No quarto trimestre de 2016, no entanto, o PIB da China registrou

19. Cf. Poverty & Equity Brief - China. The World Bank, April 2019, disponível em: https://databank.worldbank.org/data/download/poverty/33EF03BB-9722-4AE2-ABC7-AA2972D68AFE/Global_POVEQ_CHN.pdf, acesso em 28 agosto 2019.

20. Cf. Modernizing China: investing in Soft Infrastructure, edited by W.Raphael Lam, Markus Rodlauer e Alfred Schipke. Washington: IMF, 2017.

21. Cf. China Outlook 2018: A new era, a new paradigm of globalization. KPMG, 2017. Disponível em: <https://assets.kpmg/content/dam/kpmg/cn/pdf/en/2018/03/china-outlook-2018.pdf>, acesso em 28 agosto 2019.

um ligeiro aumento no crescimento. Essa tendência continuou em 2017 e resultou em uma taxa de crescimento anual de 6,9%, bem acima da meta oficial.

Em 2015, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, lançou o programa “*Made in China*” (MIC 2025), uma iniciativa que busca modernizar a capacidade industrial da China. A iniciativa se concentra fortemente na manufatura inteligente e em dez setores estratégicos e tem o objetivo de garantir a posição da China como potência global em indústrias de alta tecnologia, como robótica, aviação, veículos inteligentes, novas energias e biogás.²²

Esse ambicioso programa de pesquisa e desenvolvimento é visto como um elemento crítico para o crescimento sustentado e a competitividade da China nas próximas décadas. Se for bem-sucedida nos seus esforços, a China moverá para cima a sua participação em cadeias de valor, reposicionando-se de um fabricante de baixo custo para um concorrente direto de economias como os Estados Unidos, Coreia do Sul, Japão e Alemanha.

As despesas de P&D da China atingiram US\$ 164,1 bilhões em 2012, ou 1,98% do PIB, o que equivaleu a 37,8% das despesas de P&D dos Estados Unidos naquele ano. Foi a primeira vez que o valor de gastos em P&D da China excedeu os do Japão, tornando a China o país com o segundo maior orçamento do mundo depois dos Estados Unidos. Os gastos em P&D da China cresceram continuamente nos anos seguintes até atingirem, em 2018, a marca de US\$ 293 bilhões (2,18% do PIB) ou 56,1% do valor dos gastos de P&D americanos (ver Tabela 2).²³

TABELA 2. EVOLUÇÃO DOS GASTOS DE P&D NOS EUA E NA CHINA, 2012-2018

Ano	EUA		CHINA		Participação P&D China/ P&D EUA (%)
	Valor (USD milhões)*	% do PIB	Valor (USD milhões)*	% do PIB	
2012	433,6	2,69	164,1	1,98	37,8
2013	453,9	2,71	193,6	2,08	42,7
2014	475,4	2,72	203,7	2,05	42,8
2015	495,1	2,72	206,1	2,07	41,6
2016	515,3	2,76	233,0	2,10	45,2
2017	543,2	2,79	279,0	2,10	51,4
2018	522,1	2,74	293,0	2,18	56,1

Fonte: OCDE e Bloomberg; Elaboração: CEBC / (*) USD correntes.

22. Cf. *Made in China 2025*, Institute for Security & Development Policy, June 2018, disponível em: <http://isdsp.eu/content/uploads/2018/06/Made-in-China-Backgrounder.pdf>, acesso em 29 agosto 2019.

23. Cf. *China tax in the digital age*. KPMG, 2016. disponível em: <https://assets.kpmg/content/dam/kpmg/pdf/2016/07/china-tax-in-the-digital-age-1.pdf>, acesso em 28 agosto 2019.

Como resultado da pro-atividade dos empreendedores chineses e das políticas públicas, a China está se convertendo em uma potência digital.



Estimativas e análises comparadas apontam que a China já ocupa posição de destaque no cenário mundial de ciência e tecnologia, com forte crescimento da produção científica, citações, patentes e inovações, e que segue fazendo progressos a passos largos.²⁴ Além disso, a China já ocupa posição proeminente em áreas críticas para a economia e, especialmente, em aplicações tecnológicas, como novos materiais, nanotecnologia e robótica. Cabe, ainda, destacar que a China está fazendo grandes progressos em segmentos como tecnologia 5G, inteligência artificial e *quantum computing*. Alguns analistas sugerem que a China poderá até liderar várias áreas da ciência no futuro próximo, o que, certamente, terá implicações fundamentais para a competitividade e para a produtividade da sua economia.

O crescimento da economia digital na China desencadeou o surgimento de novos modelos de negócios, como o comércio eletrônico, serviços de pagamentos *on-line*, lojas de aplicativos, publicidade *on-line*, computação em nuvem, negociação de alta frequência e plataformas em rede participativas.

Como resultado da pro-atividade dos empreendedores chineses e das políticas públicas, a China está se convertendo em uma potência digital. Segundo o McKinsey Global Institute (2017), a China já estaria mais digitalizada do que muitos analistas estimam. Prova disso é que o país já tem mais de 854 milhões de usuários de internet e é um dos maiores investidores e adotantes de tecnologias digitais do mundo, além de abrigar um terço dos unicórnios.²⁵

Ademais, o mesmo estudo do McKinsey afirma que a China teria escala para impulsionar a rápida comercialização de modelos de negócios digitais e a vantagem de um mercado domé-

24. Cf. National Science Foundation (2018), op. cit

25. Cf. China's Digital Economy: a Leading Global Force. McKinsey Global Institute, Discussion Paper, August 2017, disponível em: <<https://www.mckinsey.com/~/media/mckinsey/featured%20insights/China/Chinas%20digital%20economy%20A%20leading%20global%20force/MGI-Chinas-digital-economy-A-leading-global-force.ashx>>, acesso em 29 Agosto 2019.

tico muito grande de consumidores jovens e ansiosos por adotar meios digitais em todas as suas formas. Grandes empresas chinesas de alcance global, como Baidu, Alibaba, Huawei e Tencent, já estariam criando um ecossistema digital multifacetado e multissetorial com impacto em todos os aspectos da vida dos seus consumidores.

O governo chinês está incentivando a inovação e o empreendedorismo, dando às empresas espaço para experimentar e oferecendo apoio como investidor, promotor e consumidor de novas tecnologias. Tal é o desenvolvimento que a transformação digital da China já está tendo impacto profundo na sua própria economia e, provavelmente, terá influência crescente no cenário digital global.

Essa visão otimista do desenvolvimento chinês ao longo dos próximos anos não considera a ocorrência de choques significativos de natureza geopolítica ou de segurança que possam desviar o país da sua trajetória. A escalada de tensões comerciais pelas quais passa a China serve de alerta para os riscos e ameaças potenciais que as reações à ascensão chinesa no sistema internacional podem acarretar para a continuidade das suas reformas e para as oportunidades para os seus parceiros econômicos, que podem ser frustradas.

Essa visão otimista do desenvolvimento chinês ao longo dos próximos anos não considera a ocorrência de choques significativos de natureza geopolítica ou de segurança que possam desviar o país da sua trajetória.



3. Como o Brasil poderá se beneficiar do crescimento econômico chinês?

3.1 Relações econômicas recentes

Estabelecidas as relações diplomáticas entre Brasil e China em 1974, o intercâmbio econômico bilateral passou a aumentar após a entrada da China na OMC. Em 1993, Brasil e China haviam estabelecido uma “parceria estratégica” e, em 2004, acertaram a criação da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN), a mais alta instância permanente de diálogo e cooperação bilateral, cuja reunião mais recente ocorreu em Pequim em maio de 2019.

No entanto, o relacionamento vai além da esfera bilateral: Brasil e China têm atuado de forma crescente, embora nem sempre de forma convergente, também em mecanismos e acordos internacionais, que incluem os BRICS, New Development Bank, G-20, OMC, BASIC e Acordo do Clima.²⁶ Em 2012, as relações foram elevadas ao nível de “parceria estratégica global” e, no mesmo ano, firmou-se o Plano Decenal de Cooperação (2012-2021).

As relações econômicas entre os dois países estão se tornando mais densas e a China vem assumindo papel cada vez mais importante nas relações comerciais externas do Brasil. Desde 2009, a China se tornou o principal parceiro do país na exportação. Conforme mostra a tabela 3, a corrente de comércio Brasil-China ampliou-se de forma marcante entre 2000 e 2018, passando de meros US\$ 2,3 bilhões para US\$ 98,6 bilhões, ou 42 vezes maior.²⁷

26. Embora Brasil e China sejam membros do BRICS, esta condição ainda não se traduziu em tratamento comercial privilegiado.

27. Embora o comércio bilateral seja expressivo e a China seja o principal parceiro comercial do Brasil, o país não ocupa posição de destaque entre os principais parceiros comerciais da China.

TABELA 3. EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA A CHINA POR FATOR AGREGADO, 2000-2019
(VALORES EM US\$ BILHÕES FOB)

Ano	TOTAL		SALDO	BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS			INDUSTRIALIZADOS	
	VALOR	Var.%	VALOR	VALOR	Var.%	Part.	VALOR (A)	Var.%	Part.	VALOR (B)	Var.%	Part.	VALORES (A+B)	Part.
2000	1,09	-	-0,14	0,74	-	68	0,14	-	12,97	0,20	-	18,77	0,34	31,74
2001	1,90	75,26	0,57	1,15	56,13	61	0,27	94,86	14,42	0,46	127,76	24,40	0,74	38,82
2002	2,52	32,54	0,97	1,55	34,26	62	0,44	61,27	17,55	0,52	12,09	20,63	0,96	38,18
2003	4,53	79,83	2,39	2,27	46,16	50	1,08	144,04	23,82	1,17	125,84	25,91	2,25	49,73
2004	5,44	20,03	1,73	3,23	42,60	59	1,23	14,30	22,68	0,97	-17,75	17,76	2,20	40,44
2005	6,83	25,61	1,48	4,67	44,62	68	1,00	-18,57	14,70	1,14	18,04	16,69	2,15	31,39
2006	8,40	22,93	0,41	6,21	32,93	74	1,28	26,92	15,18	0,88	-22,89	10,47	2,15	25,65
2007	10,75	27,93	-1,87	7,93	27,59	73,75	1,94	51,87	18,02	0,87	-1,41	8,07	2,80	26,09
2008	16,52	53,72	-3,52	12,83	61,85	77,65	2,59	33,51	15,65	1,09	26,29	6,63	3,68	22,28
2009	21,00	27,12	5,09	16,31	27,13	77,66	3,26	26,14	15,53	1,42	29,88	6,77	4,68	22,30
2010	30,79	46,57	5,19	25,76	57,91	83,66	3,62	11,04	11,77	1,39	-1,94	4,53	5,02	16,30
2011	44,31	43,94	11,52	37,66	46,23	84,99	4,59	26,84	10,37	2,03	45,67	4,58	6,63	14,95
2012	41,23	-6,97	6,98	34,15	-9,33	82,83	4,67	1,68	11,33	2,37	16,82	5,76	7,04	17,09
2013	46,03	11,64	8,72	38,97	14,13	84,68	5,46	16,84	11,86	1,56	-34,31	3,39	7,02	15,25
2014	40,62	-11,75	3,27	34,29	-12,01	84,43	4,67	-14,48	11,49	1,63	4,25	4,00	6,29	15,49
2015	35,61	-12,33	4,89	28,59	-16,63	80,29	4,70	0,68	13,20	2,29	40,92	6,43	6,99	19,63
2016	35,13	-1,33	11,77	28,43	-0,57	80,91	4,78	1,67	13,60	1,91	-16,68	5,43	6,69	19,03
2017	47,47	35,13	20,15	41,06	44,42	86,48	4,54	-5,08	9,55	1,88	-1,32	3,97	6,42	13,52
2018	63,93	34,65	29,20	56,81	38,38	88,87	5,67	24,93	8,86	1,45	-23,24	2,26	7,11	11,12
2018*	36,66	-	17,38	32,71	-	89,21	3,11	-	8,48	0,84	-	2,29	3,95	10,77
2019*	36,21	-1,25	15,41	31,92	-2,41	88,16	3,60	15,60	9,93	0,69	-17,57	1,91	4,29	11,84

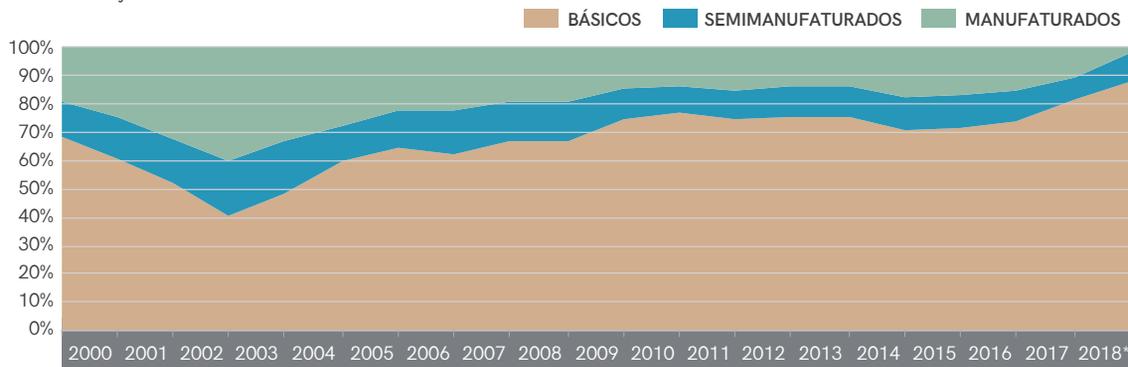
Fonte: MDIC/SECEX; Elaboração: CEBC / (*) dados disponíveis até julho.

Análise da evolução da pauta de comércio bilateral revela tendência de declínio quase contínuo nas exportações de produtos industrializados brasileiros para a China, que passou de 49,7%, em 2003, para 16,3%, em 2010, e 11,1%, em 2018, e crescente concentração na exportação de produtos básicos (gráfico 2).



A corrente de comércio Brasil-China ampliou-se de forma marcante entre 2000 e 2018, passando de meros US\$ 2,3 bilhões para US\$ 98,6 bilhões, ou 42 vezes maior.

GRÁFICO 2. EXPORTAÇÃO DO BRASIL PARA A CHINA: 2000-2018
PARTICIPAÇÃO POR FATOR AGREGADO (%)



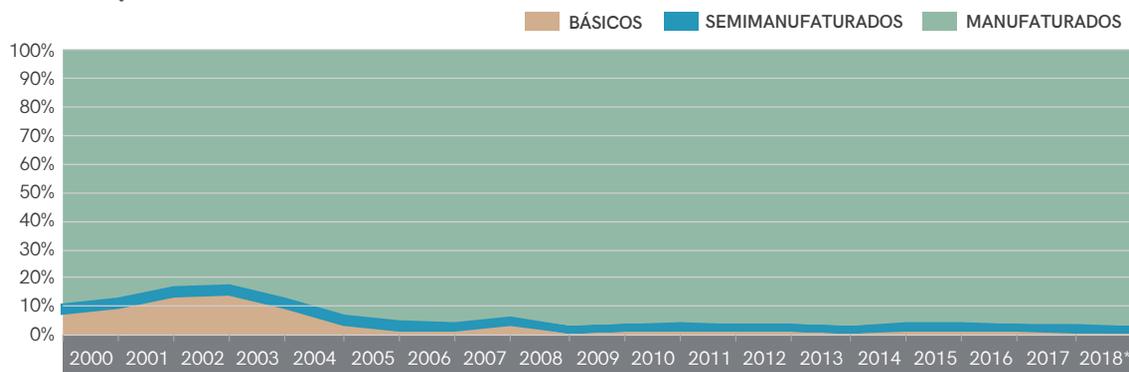
Do lado das importações, a pauta tem mais de 90% de produtos industrializados, percentual que só fez aumentar, de 91,7%, em 2000, para 97,9%, em 2010, e 98,2%, em 2018 (ver Tabela 4 e gráfico 3). Em 2012, a China tornou-se o principal fornecedor de produtos importados pelo Brasil.

TABELA 4. IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DA CHINA POR FATOR AGREGADO, 2000-2019
(VALORES EM US\$ BILHÕES FOB)

Ano	TOTAL		BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS			INDUSTRIALIZADOS	
	VALOR	Var. %	VALOR	Var. %	Part.	VALOR (A)	Var. %	Part.	VALOR (B)	Var. %	Part.	VALORES (A+B)	Part.
2000	1,22	-	0,10	-	8,23	0,02	-	1,34	1,11	-	90,43	1,12	91,77
2001	1,33	8,70	0,14	38,83	10,51	0,02	15,20	1,42	1,17	5,86	88,06	1,19	89,49
2002	1,55	16,98	0,23	62,78	14,63	0,02	-1,98	1,19	1,31	11,82	84,18	1,33	85,37
2003	2,15	38,21	0,33	43,51	15,19	0,03	42,99	1,23	1,80	37,22	83,58	1,82	84,81
2004	3,71	72,76	0,39	19,36	10,49	0,05	92,38	1,37	3,27	82,17	88,13	3,32	89,51
2005	5,35	44,31	0,25	-36,88	4,59	0,07	32,20	1,26	5,04	54,16	94,15	5,11	95,41
2006	7,99	49,23	0,20	-17,60	2,53	0,09	26,23	1,07	7,70	52,79	96,40	7,79	97,47
2007	12,62	57,95	0,32	58,75	2,55	0,09	8,15	0,73	12,21	58,48	96,72	12,30	97,45
2008	20,04	58,81	0,86	168,89	4,31	0,11	15,49	0,53	19,07	56,24	95,16	19,18	95,69
2009	15,91	-20,62	0,26	-70,40	1,61	0,43	-59,71	0,27	15,61	-18,15	98,12	16,04	98,39
2010	25,60	60,86	0,54	109,34	2,09	0,11	144,17	0,41	24,96	59,84	97,50	25,06	97,91
2011	32,79	28,11	0,89	65,72	2,71	0,10	-1,13	0,32	31,80	27,43	96,98	31,90	97,29
2012	34,25	4,45	0,72	-18,45	2,11	0,10	0,82	0,30	33,42	5,11	97,58	33,53	97,89
2013	37,30	8,91	0,85	17,77	2,29	0,07	-37,36	0,18	36,39	8,86	97,54	36,45	97,71
2014	37,34	0,11	0,67	-21,09	1,80	0,09	42,18	0,25	36,58	0,53	97,95	36,67	98,20
2015	30,72	-17,74	0,76	12,82	2,47	0,12	26,12	0,38	29,84	-18,41	97,15	29,96	97,53
2016	23,36	-23,94	0,64	-16,09	2,73	0,09	-26,87	0,37	22,64	-24,13	96,91	22,73	97,27
2017	27,32	16,94	0,66	4,11	2,43	0,07	-23,13	0,24	26,59	17,45	97,33	26,66	97,57
2018	34,73	27,12	0,65	-2,03	1,87	0,12	80,06	0,34	33,96	27,71	97,79	34,08	98,13
2018*	19,29	-	0,36	-	1,85	0,06	-	0,30	18,87	-	97,85	18,93	98,15
2019*	20,79	7,82	0,36	0,02	1,75	0,06	11,56	0,31	20,36	7,92	97,94	20,43	98,25

Fonte: MDIC/SECEX; Elaboração: CEBC / (*) dados disponíveis até julho.

GRÁFICO 3. IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DA CHINA: 2000-2018
PARTICIPAÇÃO POR FATOR AGREGADO (%)



Em que pese o saldo da balança comercial em favor do Brasil, não se pode ignorar que o padrão de intercâmbio entre os dois países gera desequilíbrios em termos de agregação de valor que desfavorece a indústria de transformação e o setor de serviços do país.²⁸ A China, como poucos países, compreende a relevância de se ter uma indústria pujante e dinâmica como elemento de segurança, inserção na economia global e fonte de crescimento econômico sustentado.²⁹

A China figura entre as principais origens de IED no Brasil, com destaque para o setor de infraestrutura, na geração e transmissão de energia e no setor de óleo e gás, e tem participação crescente nos setores financeiro e de serviços.³⁰ De acordo com dados levantados pelo Conselho Empresarial Brasil-China (Cariello, 2019), o ingresso acumulado de investimentos chineses no Brasil, entre 2007 e 2018, chegou a US\$ 102,5 bilhões, dos quais US\$ 58 bilhões (56%) foram confirmados, contabilizando 145 empreendimentos (gráfico 4).³¹

Aquele montante perfaz praticamente metade de toda a presença do investimento da China na América Latina, o que sugere que o Brasil pode ser considerado o parceiro preferencial da China na região.

28. Cf. Banco Mundial (2014), op. cit.

29. Há que se notar que a elevada concentração do comércio em torno de algumas poucas *commodities* pode trazer consigo vulnerabilidades não negligenciáveis. Uma eventual desaceleração da economia chinesa ou mudanças de parcerias comerciais, por quaisquer que sejam as causas, podem ter impactos macroeconômicos importantes na economia brasileira.

30. Poderá haver ao menos 200 empresas chinesas no Brasil, incluindo grupos de grande porte e relevância no contexto da China, como a Three Gorges e a State Grid.

31. Cf. Tulio Cariello, Investimentos Chineses no Brasil 2018: o quadro brasileiro em perspectiva global. Conselho Empresarial Brasil-China, 2019. O Ministério da Economia publica regularmente um boletim de IED da China no Brasil, cujos resultados são convergentes com os do CEBC.

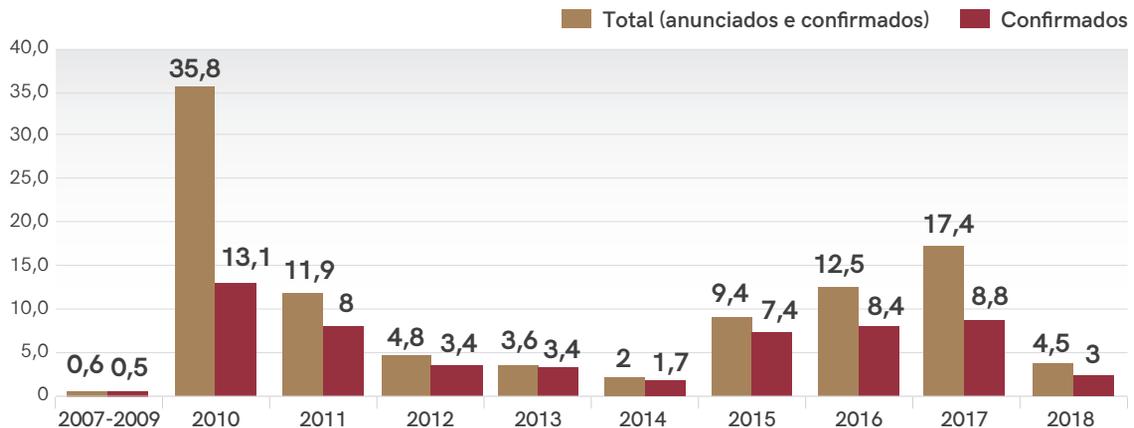
A China figura entre as principais origens de IED no Brasil, com destaque para o setor de infraestrutura, sobretudo na geração e transmissão de energia e no setor de óleo e gás.



Foto: Miguel Padriñán / Pixels

Em 2018, o IED chinês confirmado no Brasil somou quase US\$ 3 bilhões, 66% a menos do que o valor registrado no ano anterior. Essa queda se deu não apenas em função do cenário geral de retração nos investimentos estrangeiros nos países emergentes, mas, também, em função das incertezas provocadas pelo final de governo e um ano eleitoral conturbado. Some-se a isso a alta base de comparação de 2017, em que grandes investidores chineses no setor de energia priorizaram a consolidação da sua atuação no Brasil. Tudo isto levou a uma postura cautelosa dos investidores chineses em relação ao país em 2018.

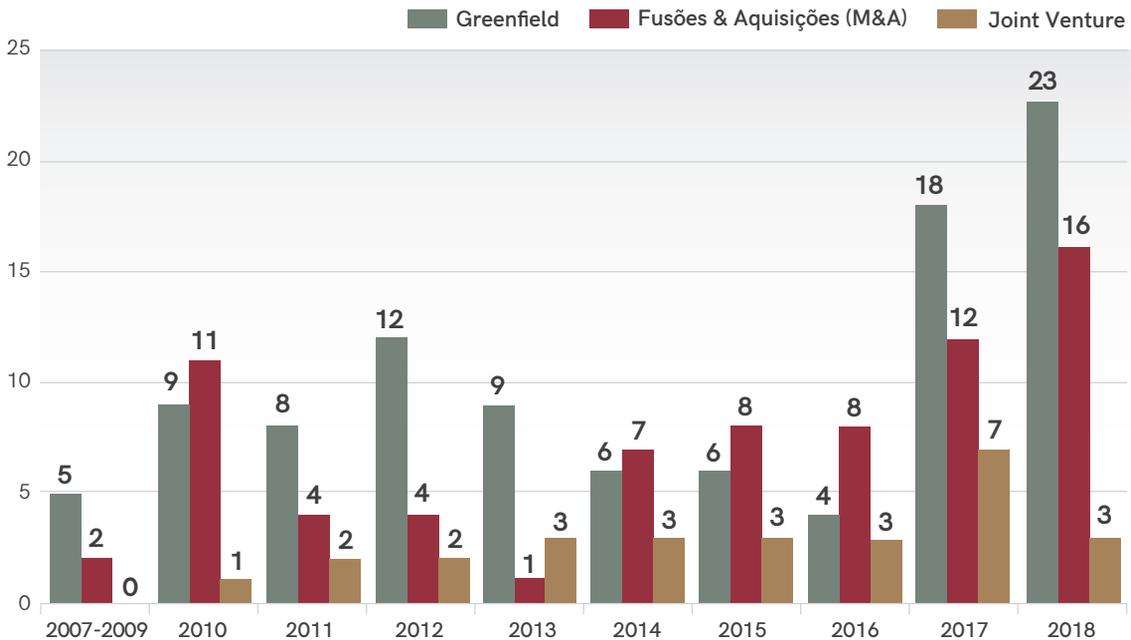
GRÁFICO 4. FLUXO DE INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL
(ANUNCIADOS E CONFIRMADOS), 2007-2018 | ANÁLISE POR VALOR - US\$ BILHÃO



Fonte: CEBC

Embora muitos dos investimentos tenham sido feitos na forma *brownfield*, a entrada por *greenfield* é crescente, segundo dados do CEBC, sugerindo confiança no país. Há que se destacar, ainda, que parcela significativa dos investimentos ocorrem por *joint-ventures*, parcerias que favorecem a transferência de tecnologias e o maior conhecimento mútuo (gráfico 5).³²

GRÁFICO 5. FORMA DE INGRESSO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (ANUNCIADOS E CONFIRMADOS), 2007-2018 - ANÁLISE POR NÚMERO DE PROJETOS



Fonte: CEBC

No campo do financiamento externo, a China tem buscado fortalecer o comércio e o investimento com o Brasil mediante a concessão de apoio financeiro em troca de acesso a recursos naturais e mercados. A China forneceu ao menos onze empréstimos ao Brasil entre 2007 e 2017, totalizando US\$ 28,9 bilhões (ver Tabela 5).³³

32. Vale destacar que a presença de empresas chinesas já está criando importantes oportunidades de parcerias com startups e com provedores locais de bens e serviços.

33. Os valores desses financiamentos chineses ao Brasil, no mesmo período, foram superiores ao valor acumulado de empréstimos aprovados ao país pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que é o maior organismo regional de desenvolvimento (US\$ 26,2 bilhões).

TABELA 5. PROJETOS NO BRASIL COM FINANCIAMENTO CHINÊS, 2007-2017

Ano	Setor	Motivo	Financiador	Quantidade Financiada (milhões USD)
2007	Energia	Gasoduto GASENE	China Development Bank	\$750
2008	Energia	Planta de carvão	China Development Bank	\$356
2009	Energia	Desenvolvimento de campo de petróleo do pré-sal	China Development Bank	\$7.000
2014	Energia	Acordo de cooperação bilateral	China Development Bank	\$3.000
2015	Energia	Acordo de cooperação bilateral	China Development Bank	\$1.500
2015	Infraestrutura	Linha industrial de processamento de soja	China Development Bank	\$1.200
2015	Energia	Acordo de cooperação bilateral	China Development Bank	\$3.500
2015	Outros	Venda de aeronaves E-195	China Ex-Im Bank	\$1.300
2016	Energia	Financiamento de dívida	China Development Bank	\$5.000
2017	Outros	Financiamento comercial China-Brasil	China Ex-Im Bank	\$300
2017	Energia	Produção de óleo	China Development Bank	\$5.000
TOTAL				\$28.906

Fonte: China-Latin America Finance Database; Elaboração: CEBC

Embora os investimentos da China no Brasil sejam bastante expressivos, os investimentos brasileiros na China ainda são bastante modestos e da ordem de US\$ 320 milhões (tabela 6). Ainda que a China seja o principal destino das multinacionais brasileiras na Ásia, a presença brasileira no país é pequena quando comparada à participação em países da América do Norte e América Latina. Além disto, esta presença se dá, majoritariamente, por empresas subsidiárias de representação de negócios e menos por operação.³⁴

TABELA 6. INVESTIMENTO BRASILEIRO NA CHINA 2006-2019

Ano	Valor (US\$ milhões)	Valor Acumulado
2006	13	13
2007	14	27
2008	15	42
2009	3	45
2010	14,3	59,3
2011	12,4	71,7
2012	46,2	117,9
2013	44,3	162,2
2014	64,9	227,1
2015	41,4	268,5
2016	19,6	288,1
2017	3,2	291,3
2018	11,4	302,7
2019*	16,9	319,6

Fonte: BCB, Elaboração: CEBC / (*) janeiro-julho

34. Cf. Lívia Lopes Barakat; Sherban L. Cretoiu; Henrique L. Fernandes; Larissa V. Resende; Aldemir D. Junior. Trajetórias de internacionalização das empresas brasileiras 2018, Fundação Dom Cabral, Belo Horizonte.

3.2. Otimizando oportunidades e potencializando benefícios ³⁵

Muito embora as relações econômicas entre Brasil e China já sejam amplas, muito mais pode ser feito tendo em conta a expansão do consumo interno e a jornada do país à condição de economia desenvolvida. De fato, o crescimento da China oferece oportunidades únicas em termos de novos mercados para os produtos e serviços brasileiros. A internacionalização das empresas chinesas, que buscam investimentos no exterior, também é uma oportunidade para o Brasil. Mas há, também, oportunidades no campo do conhecimento e da tecnologia voltadas para setores em que o Brasil já tem vantagens comparativas reveladas e para a solução de problemas básicos do desenvolvimento econômico. Afinal, a China vem desenvolvendo soluções para resolver os seus próprios problemas econômicos e sociais que também podem ser úteis para o Brasil.

Há que se reconhecer, todavia, que o aproveitamento dessas oportunidades não será fácil e requererá muito trabalho. Dentre outras razões, porque as mudanças em curso nas cadeias globais de valor, que se tornam cada vez mais regionais, podem ter implicações negativas para a maior aproximação de países geograficamente distantes, como é o caso do Brasil. Afinal, as novas tecnologias de produção já possibilitam produzir local e regionalmente sem necessariamente requerer condições de arbitragem de custos para se viabilizarem. Além disto, necessidade de se estar próximo dos mercados consumidores, questões ambientais, riscos de interrupção de transportes e logística e acordos regionais de comércio e de investimentos compõem um conjunto amplo de fatores que fazem com que a maior parte do comércio da Ásia já seja intrarregional e prevê-se que as relações econômicas da região se aprofundarão ainda mais nos próximos anos.

Mesmo se reconhecendo as preocupações com a complementaridade que tanto caracteriza as relações comerciais entre os dois países no momento, o comércio e o investimento em produtos primários pode ser visto como uma plataforma de lançamento de oportunidades para a expansão e a sofisticação das relações econômicas.

Uma pergunta relevante a esta altura é como o Brasil poderá se beneficiar do crescimento econômico e da nova etapa do desenvolvimento chinês. Vislumbram-se possibilidades em ao menos cinco áreas.

35. Longe de ser exaustiva, discute-se, nesta parte, de forma pragmática e seletiva, temas que poderiam fazer parte de uma agenda de expansão de negócios entre Brasil e China. Para uma análise econômica mais ampla e mais estratégica, ver Jaguaribe e Rosito (2018) e Banco Mundial (2014), op.cit. Para uma análise dos problemas pendentes nas relações econômicas entre Brasil e China, ver Renato Baumann, *China-Brazil cooperation, what next?*, publicado em Chen Huaqiao (ed.) *China and Brazil: Development and Focus*, Current Affairs Press, Beijing, 2017; e Renato Baumann, *Some recent features of Brazil-China economic relations*, Department of Economics, University of Brasilia, 2018.

COMÉRCIO

Embora as exportações brasileiras possam se beneficiar pontualmente de questões conjunturais, deve-se mirar nas oportunidades associadas às mudanças estruturais em curso na China.³⁶ De fato, o crescimento da classe média chinesa e a continuidade do processo de urbanização e de inclusão no mercado de milhões de chineses criam oportunidades únicas para bens que o Brasil já pode oferecer em condições bastante competitivas. Além disso, o crescimento dos últimos anos já não mais está sendo liderado pelas províncias costeiras do leste, mas, e cada vez mais, pelas centrais, à oeste, o que deve implicar em alterações no padrão agregado de demanda e, portanto, em novas grandes oportunidades de negócios. Vale ainda considerar que o mercado, além de muito grande, é muito variado por região, grupo de renda e grupo etário, o que permite enormes possibilidades de negócios para diferentes produtos e serviços.

Há evidências de que a demanda da China terá importante impacto em vários mercados, incluindo os de bens agropecuários que, combinado com a política de segurança alimentar estratégica orientada pelo mercado, manterá a demanda aquecida ainda por muito tempo. As perspectivas apontam para maiores importações de produtos como milho, açúcar, proteína animal, energia, diversos minerais, dentre tantos outros produtos primários.³⁷

O Brasil logrou desenvolver canais e relacionamentos, conhecimento, instituições, serviços, empresas e uma estrutura de produção que garantem que o país possa almejar ampliar a sua participação nos mercados de *commodities* da China. Mas, para garantir e consolidar o seu lugar nesse mercado em expansão de uma forma mais perene, haveria questões por resolver.



Foto: Balázs Benjámí / Pexels

As perspectivas apontam para maiores importações de produtos como milho, açúcar, proteína animal, energia, diversos minerais, dentre tantos outros produtos primários.

36. A eventual redução do comércio com os Estados Unidos poderá provocar desvios de comércio de produtos e serviços chineses, que buscarão outros destinos, o que tem potencial para afetar mercados de interesse de empresas brasileiras, incluindo o próprio mercado nacional.

37. Cf. OECD/FAO (2019), OECD-FAO Agricultural Outlook 2019-2028, OECD Publishing, Paris/Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome.

Uma delas são as cotas e barreiras técnicas e sanitárias acopladas a travas de defesa comercial e salvaguardas, como nos casos do açúcar e frango, por exemplo. É preciso negociar de forma bilateral barreiras tarifárias e não-tarifárias, em especial acordos de reconhecimento e harmonização de barreiras técnicas e fitossanitárias, protocolos e certificações, que têm impactos importantes nos volumes e preços comercializados. Essas regras são cruciais para ampliar o comércio e criar previsibilidade, condição fundamental para os investimentos na produção e nas infraestruturas concernentes.

Exportar produtos elaborados é bem-vindo, mas o grande salto de mercado acontece quando se chega aos consumidores finais com produtos e marcas mediante cadeias de valor desde a produção até as prateleiras dos supermercados e dos *shopping centers*. Há, portanto, que se considerar trabalhar mais na conquista da confiança dos distribuidores e consumidores chineses e se postar como fornecedor perene e com visão de longo prazo.

De fato, há amplo espaço para se levar à China cadeias alimentares integradas, com mais qualidade, segurança dos produtos, previsibilidade na oferta, investimentos e tecnologia. Esta agenda requer uma atuação intensa na área dos investimentos, rastreabilidade de produtos, integração das cadeias produtivas, criação de marcas, novos modelos de negócios, associações com empresas chinesas de distribuição, logística e outros segmentos de serviços e um diálogo permanente e fluido entre os lados.

Há, portanto, que se considerar trabalhar mais na conquista da confiança dos distribuidores e consumidores chineses e se postar como fornecedor perene e com visão de longo prazo.

Para que seja sustentável, a relação comercial deve considerar uma agenda de maior equilíbrio da composição da pauta bilateral em termos de fator agregado. Considerando a ampla competitividade do Brasil na área de *commodities*, haveria espaço para se avançar na industrialização das vantagens comparativas, ou seja, agregar valor à agropecuária, florestas, bioeconomia, minerais, energia, dentre outros bens que o Brasil é competitivo e que já fazem ou poderiam fazer parte da pauta de comércio. Trata-se, portanto, de maior beneficiamento, processamento e comercialização de *commodities*.

A já forte presença da China nas cadeias de produção e suprimentos de muitas dessas matérias-primas, incluindo na forma de sementes, genética, armazenamento, processamento, comercialização e infraestrutura, favorecerá o desenvolvimento de uma agenda de interesse mútuo no setor. Porém, a indus-

trialização daquelas vantagens comparativas requer a melhoria do ambiente de negócios no país.

A expansão do comércio se beneficiará do aperfeiçoamento de mecanismos de financiamento, instrumentos e serviços financeiros e seguros sofisticados, maior presença de bancos e seguradoras nacionais nas duas praças, desenvolvimento de mecanismos para uso de moedas nacionais nas relações comerciais, bem como a utilização de recursos de fundos para a mitigação de riscos cambiais.³⁸

INVESTIMENTOS

As enormes necessidades de investimentos por parte do Brasil - combinada com os interesses de internacionalização das empresas e capitais chineses - cria possibilidades e oportunidades importantes para os dois países. Embora o Brasil já seja um dos principais destinos dos investimentos chineses, muito mais pode ser feito, inclusive em novos segmentos.

Considerando as necessidades da China nas áreas de energia, minerais e produtos agropecuários, e os interesses de participarem mais diretamente das cadeias de valor, os investimentos da China no país ainda poderão crescer muito nos próximos anos, desde que as condições o favoreçam.

De fato, para alavancar investimentos, será preciso compreender melhor a forma de atuação das empresas chinesas, trabalhar mais na agenda de facilitação e acordos de investimentos, mecanismos ágeis e modernos de soluções de controvérsias e aperfeiçoamento de canais com o investidor, como o Comitê Nacional de Investimentos da CAMEX e a Ouvidoria, de forma a garantir mais segurança aos investidores, tanto chineses como de outros países.³⁹

Embora o Brasil já seja um dos principais destinos dos investimentos chineses, muito mais pode ser feito, inclusive em novos segmentos.



Foto: Pexels

38. Há potencial para que Macau se torne a porta de entrada de exportações de pequenos empreendimentos brasileiros para a China. O governo chinês já vem trabalhando nesta agenda em conjunto com instituições federais e regionais, como o Sebrae e Federações de Indústria estaduais.

39. Há que se considerar que acordos com a China podem esbarrar em interesses difusos no âmbito do Mercosul.

O Fundo de Investimentos Brasil-China, que foi instituído em 2017 pelos dois governos como um mecanismo de diálogo, identificação e financiamento de investimentos de interesse mútuo, está dormente em razão da mudança de governo, mas poderá ser reativado, o que será muito útil para a agenda de investimentos.

Também será útil identificar e tratar das causas de muitos investimentos chineses serem anunciados, mas não confirmados, como mostra o relatório do CEBC (Cariello, 2019). Da mesma forma, também será útil identificar os fatores que explicam a até agora limitada participação dos chineses em leilões de concessões, PPPs e privatizações.⁴⁰

As concessões de projetos de infraestrutura e privatizações ora em estudo e preparação pelos governos federal e estaduais são oportunidades valiosas para a atração e ampliação de investimentos chineses no Brasil, em especial em setores em que eles já têm reconhecida *expertise*, como o de infraestrutura.

A abertura de escritórios de representação de entes subnacionais na China, como fez recentemente o governo do Estado de São Paulo, poderá contribuir para a aproximação com investidores de forma seletiva e proativa e de acordo com as necessidades identificadas pelos distintos governos. De fato, diante da crise fiscal e das enormes demandas de estados e municípios brasileiros por novos investimentos, é justificável a maior ação da paradiplomacia de governos estaduais e municipais para divulgar e apoiar as oportunidades de investimento na China.⁴¹

A presença do IED chinês confirmado está espalhado por todo o território nacional, mas há concentração em quatro estados: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, que perfazem 56% do total, o que sugere amplo espaço para ampliação de investimentos em outros estados.

Para alavancar investimentos, será preciso compreender melhor a forma de atuação das empresas chinesas, trabalhar mais na agenda de facilitação e acordos de investimentos, mecanismos ágeis e modernos de soluções de controvérsias e aperfeiçoamento de canais com o investidor.

40. Há que se reconhecer que as dificuldades para a estruturação de projetos de infraestrutura são um dos principais obstáculos para a participação de investidores estrangeiros no país.

41. Cabe notar que a falta de coordenação entre as ações das unidades do próprio governo federal e entre este e os estados e municípios é uma deficiência que concorre contra os próprios interesses do país. Faz-se, portanto, necessária maior coordenação nas políticas de promoção comercial e de investimentos.

O BRI também é uma oportunidade para que o Brasil possa se beneficiar de mais investimentos chineses, com base em diálogo e objetivos a serem construídos conjuntamente entre os países.



O BRI também é uma oportunidade para que o Brasil possa se beneficiar de mais investimentos chineses, com base em diálogo e objetivos a serem construídos conjuntamente entre os países.⁴² Já há obras em andamento no âmbito desta Iniciativa, como a construção do Porto de São Luís no estado do Maranhão.

Com foco no aprimoramento da conectividade, o BRI poderá ajudar no processo de integração da América Latina, removendo barreiras físicas para uma maior integração da região. A China pode fornecer capital e *expertise* aos países latino-americanos, onde falta de recursos e infraestrutura deficiente são problemas crônicos que dificultam um crescimento mais rápido e mais integrado. Para avançar nesta agenda, será útil considerar financiamentos conjuntos entre bancos de desenvolvimento chineses e bancos de desenvolvimento multilaterais regionais, como CAF e BID, e bancos de desenvolvimento nacionais, como o BNDES.

A relação econômica bilateral também se beneficiará do aumento dos investimentos do Brasil na China. A ampliação do IED brasileiro permitirá que empresas brasileiras estejam juntas ao enorme mercado e dele façam parte diretamente no dia a dia com produção, redes de distribuição e comercialização, o que promoverá a diversificação e o aprimoramento da pauta comercial. Esta agenda requer, todavia, a remoção de restrições aos investimentos em vários setores de interesse do Brasil.⁴³ Acordos de imigração de mão de obra especializada também contribuirão para impulsionar a presença e o acesso de empresas brasileiras na China.

42. Cf. Marcos Caramuru et al, 2019, op.cit.

43. Diferentemente de várias outras economias ocidentais, o Brasil não impõe restrições aos investimentos chineses. Esta assimetria de tratamentos entre Brasil e China denota falta de reciprocidade chinesa.

A falta de conhecimento do mercado e da cultura chinesa e da diversidade e complexidade institucional, inclusive em nível de províncias, são frequentemente identificados como obstáculos para os negócios do Brasil na China. Há, portanto, que se considerar agendas de maior presença de associações e representações setoriais na China como forma de semear e desenvolver relacionamentos e conhecimentos setoriais, locais e regionais, tal como já o fazem entidades congêneres de vários outros países.

Por fim, a recente ampliação do prazo do visto para brasileiros para cinco anos é uma medida exemplar de como se pode fazer muito pelas relações econômicas com medidas simples, manejáveis e de baixo custo. Falta, porém, maior atenção do Brasil ao tema da atração de turistas chineses, cujo contingente atingiu, em 2018, a marca de 150 milhões de viajantes globais com gastos estimados de mais de US\$ 200 bilhões.

PARCERIAS TECNOLÓGICAS

Os desafios da produção de *commodities* oferecem valiosos espaços para o desenvolvimento e emprego de inovações e tecnologias nas cadeias de produção. De fato, há cada vez mais necessidade de se mirar o desenvolvimento de novas soluções para enfrentar desafios como os ambientais e de aumento da produtividade, o que requer o emprego de toda uma nova geração de soluções ajustadas e adequadas à realidade e condições locais.⁴⁴

44. Cf. Jorge Arbache, Setor primário e inovação, Valor Econômico, 11/9/2019.

Falta maior atenção do Brasil ao tema da atração de turistas chineses, cujo contingente atingiu, em 2018, a marca de 150 milhões de viajantes globais com gastos estimados de mais de US\$ 200 bilhões.



Há espaço para colaborações sino-brasileiras em ciência, tecnologia e inovação orientadas por missão, com agendas pragmáticas para atender às necessidades dos negócios, mas, também, dos requisitos ambientais e sociais.



Foto: Drew Hays/ Unsplash

Há amplo espaço para parcerias com os chineses em muitas dessas áreas, desde P&D, passando por soluções de uso da eletrônica, *big data*, análise de solos, drones dentre tantas outras tecnologias que ajudem a elevar a eficiência, reduzir custos e preservar o meio ambiente. Portanto, há espaço para colaborações sino-brasileiras em ciência, tecnologia e inovação orientadas por missão, com agendas pragmáticas para atender às necessidades dos negócios, mas, também, dos requisitos ambientais e sociais. O potencial é enorme e esse poderia ser um dos objetivos de uma estratégia de relacionamento comercial e de investimentos entre Brasil e China.

PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

Os chineses vêm desenvolvendo tecnologias e soluções engenhosas e custo-eficientes em infraestruturas, transportes públicos, saúde, educação, segurança pública, cidades inteligentes, habitação e águas. O Brasil poderia se beneficiar da ampliação e do fortalecimento de uma agenda de parcerias para o desenvolvimento, com financiamento de projetos conjuntos e transferência de tecnologias.⁴⁵

45. Cabe destacar que a cooperação científico-tecnológica entre a China e o Brasil já rendeu frutos. Em 1988, foi estabelecido o Programa CBERS (sigla em inglês para "Satélite de Recursos Terrestres Brasil-China"), para construção e lançamento de satélites - projeto pioneiro entre países em desenvolvimento no campo da alta tecnologia. Foram lançados, desde então, cinco satélites. Em 2013, foi assinado o Plano Decenal de Cooperação Espacial 2013-2022, que prevê a continuidade do Programa. O sexto satélite, o CBERS 04-A, tem lançamento previsto para o segundo semestre de 2019.

AGENDA REGIONAL

O Brasil já é a porta de entrada dos chineses na América Latina e já atua como centro de gravidade dos negócios chineses na região. Na condição de país onde já estão sediadas muitas das principais empresas chinesas presentes na região, com negócios ativos e bem-sucedidos e com crescente conhecimento do terreno, aliado ao melhor centro logístico de conectividade entre países e o maior e mais sofisticado mercado financeiro, é razoável assumir que o Brasil oferece as condições ideais para que o país funcione como plataforma de operações e estratégias dos chineses na região.

A liderança e sofisticação do país em mercado de capitais e em temas relativos à inovação, treinamento e apoio a empresas *startups* sugerem que o Brasil poderia funcionar também como plataforma da presença de investidores chineses em *venture capital* e em fundos interessados em oportunidades em inovação na América Latina.

O Brasil já é a porta de entrada dos chineses na América Latina e já atua como centro de gravidade dos negócios chineses na região.

4. Comentários finais

É inegável a relevância da China para os interesses econômicos do Brasil. Considerando-se o grau de maturidade já atingido na relação econômica bilateral e o enorme potencial de novos negócios, é razoável assumir que a China deveria merecer maior atenção na agenda econômica internacional do Brasil. Não se trata, obviamente, de privilegiar a China em detrimento de quaisquer outros parceiros, mas de reconhecer os benefícios a partir de uma visão pragmática.

Embora o Brasil possa tirar proveito comercial de situações conjunturais e políticas, o que realmente beneficiará a relação é uma agenda de interesse mútuo com foco nas necessidades estruturais dos dois países. Neste sentido, a relação econômica bilateral se beneficiará de um engajamento de longo prazo em clima de confiança e colaboração, que defina prioridades e que dê a previsibilidade necessária para que as empresas possam planejar e implementar investimentos e desenvolver parcerias.

ASSOCIADOS DA
SEÇÃO BRASILEIRA
DO CEBC





Rua Araújo Porto Alegre, 36 / sala 1202
Centro - Rio de Janeiro - RJ - 20030-902

+55 21 3212-4350
cebc@cebc.org.br

www.cebc.org.br

